

O doloroso calcanhar de Aquiles

A história é curta mas admirável. E verdadeiramente saudável para qualquer um de nós, cidadãos atolados nos acontecimentos quotidianos, neste mordor dos dias, alheios a quase tudo o que não seja a preocupação de ir ganhando as sopinhas para os estômagos insaciáveis.

Pois, porque a história é curta, contemo-la rapidamente.

O sr. Manuel David («Mestre», para amigos e camaradas) tem 58 anos de idade e mora ali na rua da Mouraria, n.º 16. Até aqui nada de especial — é a biografia mais simples e comum do nosso mundo. «Mestre» Manuel David trabalha em Vale-de-Lobos há longos meses. Quem o queira ver pedalar, todos os dias, na sua máquina à Agostinho, é levantar-se antes do sol para começar a derramar sobre o horizonte os seus raios matinais, e ir até à ponte do Cadeado — e certamente não esperar muito tempo antes que o veja passar, pranteiro e veloz.

Mas, se é verdade que esta pequena história gira à volta de velocidades, também é verdade que não se trata agora de velocidade sobre rodas, mas sim doutro género de velocidade.

Deixemo-nos, todavia, de rodeios e começemos a narração dos factos.

Após meio dia de intenso trabalho, no dia 13 de Setembro passado (só agora soubemos, em amena conversa com os intervenientes no «feito», do que vamos escrever), à sombra dos pinheiros de Vale de Lobos, sentindo nas narinas o odor quente da maresia, «Mestre» Manuel David almoçava juntamente com os camaradas. Falava-se disto, discutia-se aquilo — enfim, o trabalho, a carestia da vida, os filhos emigrados e na tropa, os ingleses jogando gol ali perto... —, enquanto se ia engulindo a «buxa»; e veio então, na diversidade das palavras, à baila o seguinte diálogo:

Camarada Luís: — Pois eu, «Mestre» David, já palmilhei grandes distâncias a pé, com estas solas que aqui vê...

«Mestre» David: — E eu mais que você, acredite. Já cá cantam 58 anos; mas ainda lhe digo que sou capaz de fazer de Quarteira a Loulé, «a butes», em menos duma hora.

O camarada Luís, um jovem, permitiu-se pôr em dúvida a afirmação de «Mestre» David. Palavra puxa palavra — apostaram 500\$00. Não tinham ali tal quantia mas alguém a emprestou. Imediatamente outro se ofereceu para árbitro (sr. Aníbal Pires). E ai vão

Está a funcionar na Torralta um curso de hotelaria

(Continuação da 1.ª página)

ofereceu um «cocktail» aos órgãos de informação algarvios, no passado dia 8 de Janeiro.

No decorrer do referido «cocktail» falou primeiramente o sr. Gageiro — um dos ministrantes do curso —, tendo abordado nas suas palavras o alto significado do curso, lamentando todavia que o mesmo não fosse ainda mais corrido.

Seguidamente, em nome da Torralta, o sr. Eduardo Ramos agradeceu a presença dos jornalistas e disse do interesse daquela empresa em proporcionar aos seus funcionários uma tanto quanto possível especialização nas várias matérias do curso, tendo em vista um serviço mais eficiente. Também o sr. Dr. João Menezes Pimentel, em representação da Comissão Regional de Turismo do Algarve, proferiu algumas palavras de louvor à iniciativa da Torralta e ao trabalho da Brigada Itinerante de Hotelaria.

Por último falou, em nome dos representantes da imprensa algarvia presentes, o jornalista João Leal. De palavra fácil, sem rodeios, João Leal teceu justas considerações sobre a importância dos empreendimentos que a Torralta está a levar a cabo no Algarve, tendo também salientado os elevados sacrifícios com que a imprensa da nossa província se vem batendo por um Algarve melhor, o que (como disse) nem sempre tem sido devidamente compreendido.

Teve João Leal a gentileza de referir especialmente a presença do Chefe de Redacção de «A Voz de Loulé» (um «calejado» no meio de «calejados») proferindo palavras que serão um incentivo para a luta de as tornarmos merecidas. O nosso sincero obrigado a João Leal e à Torralta.

os três, apostadores e árbitro, a caminho de Quarteira, naquele dia de intenso calor, com o sol a pino, para decidir a «contenda».

Para demonstrar a sua confiança na vitória, o camarada Luís pretendia mesmo dar mais 10 minutos ao «Mestre» David para este realizar a prova, isto é, 70 minutos ao todo. «Mestre» David, categóricamente, recusou a «boa-vontade».

E ali estavam os três junto da placa que diz «Quarteira»: «Mestre» David descalçara as botas e ficara apenas com os peugos («para não cansar logo os músculos» — disse-nos), tinha um chapéu sobre a cabeça e nas mãos uma garrafa de cerveja cheia de água — e olhava a negra estrada serpenteando à sua frente; o camarada Luís, ciente da derrota do peregrino, estava sentado sobre a pedaleira; e o árbitro, de relógio em punho, montando uma motorizada, indicava que os ponteiros se aproximavam da hora da partida para a estranha e rara prova.

«Teca», «teca», estrada fora, ai vai o estranho trio: dois a rolar e um a palmilar. O povo, vendo passá-los, atirava comentários irônicos: «Ma, que gêtes, débo?»; «Mo, o homem é chalupão!...» Mas «Mestre» David, plétórico de força, não desanimava («teca», «teca»), ai vai com seu passo cadenciado, seu chapéu, seus restos de peugos, pela estrada fora, qual deus dos idos Jogos Olímpicos!

E já as Quatro-Estradas ficavam para trás; já a Franqueada viria passar o herói...

O camarada Luís sentia que os 500\$00 voavam ligeiros da algibeira, como passarinhas escapando-se da gaiola. A certeza da vitória esfumava-se pouco a pouco: a placa que diz «Loulé» estava quase à vista! E «Mestre» David, confiante, sem dizer palavra, continuava, já fazendo contas aos seus (ou quase seus) novos capitais...

E eis a meta. Ali estava a placa. Não havia multidão à espera. Apenas o trio, em silêncio, olhava o relógio e o conta-quilômetros: 54 minutos para percorrer 10 quilômetros e 700 metros! Era a vitória de «Mestre» David! E vinham lá os quinhentos pais!

Pequena história pitoresca, mas que revela o humor e a vontade do nosso povo; bem vistas as coisas, não haverá por ai muitos jovens que façam o que «Mestre» David conseguiu: demonstrar que tinha razão, que não era só «garganta»...

E no fim da nossa conversa o vencedor da «maratona» disse-nos: «A aposta não impediu que continuemos bons camaradas; é certo que me ficaram a doer os calcânares, mas se houver aí algum candidato a outra aposta ainda sou capaz de descer até à casa dos quarenta minutos...»

Tem 58 anos, é franzino, não tem o aspecto de um atleta da Velha Grécia, mas nós diremos que na verdade «Mestre» David tem apenas um fraco: os calcânares — o seu doloroso calcanhar de Aquiles...

SEQUEIRA AFONSO

Dia de Ano Bom

(Continuação da 1.ª página)

1971 nos trouxe e mesmo por isso o dia de Ano Bom foi mais como um dia de Natal, quando, normalmente, este é mais consagrado à família e aquele à fraternidade universal.

Talvez, também, pelo estado do tempo houvesse mais saudades pelas ausentes, maior consideração por aqueles que vivem afastados dos seus, no desejo de arranjar um aumento de economias conseguidas em árduos trabalhos melhor remunerados pela diferença de câmbios, ou na prestação do serviço militar em províncias longínquas estes últimos mais em risco, pelas suas missões de zelarem pela defesa da soberania da Pátria.

Mas, ainda em relação a esse o 1972 traz a esperança de os reverem mais cédo, de os abraçarem e dellarem com o regresso.

Mas, áqueles que fugiram para não prestarem o serviço militar, para não pagarem as dívidas que contrairam pelas suas más cabeças ou pe'a desorientação dos seus negócios ou áqueles que fugiram por medo das calúnias, boatos ou falsas ensinhanças que fizeram, da honra e dignidade alheias, a esses o 1972 há-de ser um pesadelo, com o constante aumento do remorso, dia a dia mais pesado, dia a dia mais custoso, porque cada vez mais se hão-de lembrar das maldezes que fizeram e que, no calendário da vida, hão-de sempre marcar a impossibilidade de voltar sem ser de fugida e às escondidas.

Com prática de escritório, precisa-se. Nesta redacção se informa.

R. P.

«O ALGARVE visto pelas crianças» e «Fotografias sobre o Algarve» — dois concursos em marcha

A Comissão Regional de Turismo do Algarve, com o patrocínio da Secretaria de Estado de Informação e Turismo e a colaboração do Sporting Clube Farense, realiza este ano os seguintes concursos: «O Algarve visto pelas Crianças» e «Fotografias sobre o Algarve», que se encontram agora na sua fase final, isto é, nos trabalhos de seleção e classificação a cargo do júri escolhido.

Ambos os Concursos têm suscitado extra-dinário interesse, havendo um notável aumento de produções concorrentes em relação ao ano passado. Quando forem reveladas as classificações dos Concursos, contamos tecer mais alguma consideração acerca da oportunidade e da importância das realizações presentes, bem como do seu significado.

Profilaxia da Raiva

Avisam-se todos os interessados que a Direção-Geral dos Serviços Pecuários estabelece a obrigatoriedade da vacinação anti-rábica dos caninos existentes no concelho de Loulé.

— Os donos ou responsáveis de cães com idade de 4 meses ou mais, devem apresentá-los no local, dia e hora abertos mencionados a fim de serem vacinados.

— Só poderão ser empregadas as vacinas com as características constantes do «Aviso» publicado no Diário do Governo n.º 268, II série, de 14 de Novembro de 1968.

— As licenças municipais de posse e circulação de caninos não podem ser concedidas sem a apresentação do boletim de vacinação.

— As taxas de vacinação anti-rábica em vigor, no corrente ano, são as seguintes: — Taxa A — 17\$50 (a pagar durante o período da Campanha); Taxa R — 25\$00 (a pagar fora das datas da Campanha); Taxa L — 35\$00 (por cada canino classificado de luxo).

— No caso em que a vacinação tenha sido efectuada por médico-veterinário escolhido pelo interessado é necessário a apresentação do respectivo atestado ao veterinário encarregado oficialmente do serviço na área do concelho — Dr. Aires de Lemos Tavares.

— Todo o canino que der entrada neste concelho deverá ser vacinado no prazo de dez dias, salvo se provier de um concelho onde a vacinação anti-rábica também tenha sido feita, ficando o dono obrigado a comprovar-lo mediante documento competente.

Pelo interesse que daí resulta para todos os possuidores de cães, abaixo damos nota do calendário de serviço oficial de vacinação Anti-Rábicas a efectuar no concelho de Loulé durante os meses de Janeiro e Fevereiro.

Dia 18 de Janeiro: Freguesia de Querença: às 9 horas (no sítio do Pontão de Vale); às 10 horas (na sede da Freguesia); às 13 horas na Avenida da Tôr.

Dia 22 — Na Freguesia de S. Clemente, das 9 às 12 (no Matadouro Municipal).

Dia 26 — Na Freguesia de S. Sebastião, das 9 às 12 horas, no Matadouro Municipal.

Dia 29 — Na Freguesia de Salir, das 9 às 10 horas, no Barranco do Velho, Corteira e Vale da Rosa: às 11 horas e no Ameixial, às 14 horas.

Dia 1 de Fevereiro — Freguesia de S. Sebastião, às 12 horas; no Parque e na Rocha de Monoprolé às 16 horas.

Dia 2 — Na Freguesia de S. Clemente, das 9 às 12 no Matadouro Municipal.

Dia 5, em Benafim Grande, às 15 horas.

Dia 8, em Quarteira: às 12 horas, no Condeixa, às 15 horas.

Dia 12, em Vale d'Eguas: às 12 horas, Almancil, às 13 horas, Exanxinas, às 15 horas.

Dia 16, em Boliqueime: às 10 horas, em Tinoco, às 14 horas.

Dia 19, em Alte: às 12 horas.

Dia 22, no Estrela, às 14 horas.

Dia 26, S. João da Venda, às 15 horas.

Dia 28, em S. Lourenço, às 16 horas.

Empregada

Com prática de escritório, precisa-se.

Nesta redacção se informa.

R. P.

Carnaval de Loulé de 1972

(Continuação da 1.ª página)

com ar jovial, de homem acostumado a agir. Inquirimos: — Como explica a incerteza da realização do Carnaval até há tão pouco tempo e da crise que dessa incerteza se conclui?

«É tudo efeitos do nosso tempo, sabe. Em toda a parte é assim. As pessoas preferem o bem-estar, a comodidade... Mas o Carnaval deve continuar, nem que seja com as verbas da Comissão Regional de Turismo (se há dinheiro para o futebol também deve haver para o Carnaval), porque afinal isto também é turismo».

Na Redacção haviam-nos informado que o nosso interlocutor tinha todas as empregadas da sua firma a trabalhar para o Carnaval. «Sim, de facto é verdade. São 16 empregadas. Fiz-lhes o convite nesse sentido e elas acederam com entusiasmo. Todas as noites fazem ser. Se quiser pode ir falar com elas à oficina».

Prometemos ir. Entretanto um pouco mais acima, um jovem de barbas crescidinhas dava largas pineladas de tinta vermelha:

«Escreve só Bruno. Sou um vogal activo no Louletano, mas entretanto não estou reconhecido nos Estatutos como tal».

O Bruno tem sido dos grandes elementos dinamizadores do Louletano nos últimos anos. Tem estado sempre na jogada. Ele conta:

«Víamos que o Carnaval talvez se não realizasse, pelo que decidimos ir falar com o Sr. Provedor da Misericórdia, no sentido de deixarmos mãos à obra. Aquele senhor disse-nos: «Façam, que vocês são homens corajosos». Eu respondi: «Sr. Provedor, só a necessidade faz os homens corajosos».

Um gravador transmite música e canções. O armazém está repleto de carros alegóricos que vão sendo construídos com frenesim. Sobre um desses carros outro jovem cola um papel colorido:

«João Santos Simões (Gónito). Sou treinador da equipa de juvenis do Louletano. Por que colo este papel? Para bem do clube, apesar de parte do dinheiro que apuramos no Carnaval não ir directamente para o Louletano, uma vez que se destina às obras de reparação da pista de ciclismo; ora, dado que o Estádio da Câmpina pertence à Câmara comete-se a injustiça de não estarmos a trabalhar para o clube propriamente, mas sim para a Câmara».

No mesmo carro trabalha o Sr. José António Rodrigues Viegas, 2.º secretário e seccionista do departamento de futebol juvenil do clube:

«Gostaríamos que o Carnaval deste ano tivesse outro aspecto, porque o público está saturado das mesmas brincadeiras. Daí termos pensado em abrir os festeiros no dia 6, com a recepção ao Rei do Carnaval, ginicanas e outras diversões. Oxalá as coisas corram bem porque temos tido muitas dificuldades».

O Loureiro, o jovem professor, labuta com vontade e energia:

«Sou sócio e atleta do Louletano. Se acho que deveríamos ter dado oportunidades à juventude na elaboração dos trabalhos do Carnaval dos anos anteriores? Afirmo que sim. Essa juventude teria hoje

O Carnaval de LOULÉ

(Continuação da 1.ª página)

dos pela fama do Carnaval de Loulé.

Os actuais encarregados de manter o brilho da tradição têm as suas costas tremendas tarefas a cumprir, uma vez que assumiram a responsabilidade dos festeiros e tem de se preocupar com milhares de problemas de variada ordem que, sempre aparecem nestas realizações.

Esperamos que não desmerecam e tudo façam por conseguir ultrapassar a fama dos velhos festeiros. Se o não conseguirem ao menos que não seja inferior aos últimos anos.

Bem hajam pela iniciativa tomada, mas tomem tanto e vaideade em não desmerecer da confiança que Loulé, neles deposita.

E que aos antigos membros da anterior comissão não falte vontade de, para o ano que vem, começarem a trabalhar mais cedo e com mais garras e energia para que o nome de Loulé não seja nunca prejudicado por qualquer razão de ordem especial ou particular que possa vir a empanar uma festa que já tem tantos anos de idade quase, como quem escreve estas linhas.

Os rapazes novos podem agora aproveitar a ocasião de dizer: «Nós somos também capazes de fazer».

E oxalá o façam bem e só temos que os louvar e não criticar.

R. P.

DE DE DEPTILIA LITERÁRIA I ERSI EUTIUM

A VOZ DE LOULÉ

18-1-1972

DO ALGARVE:

Poetas vivos

Poetas nascidos no Algarve. Poetas vivos — e vivos aqui não é sinônimo de pantufas nem palavras nem interlúdios televisivos nas imagens; poetas actuantes na poesia (e não só), que procuram no seu ofício quotidiano libertar as palavras do bolo antíssimo, moldá-las, dominá-las, para novamente as libertar em poesia — qual ave mensageira de uma fraterna dâdiva aquelas que necessitam do canto dessa liberdade livre: a poesia do nosso tempo.

As literaturas são os registos condensados do pensamento. Os grandes livros não se produzem senão quando as grandes ideias agitam o mundo, quando os povos praticam os grandes feitos, quando os poetas recebem da sociedade as grandes comoções.

RAMALHO ORTIGÃO

Um poema futuro

SERA UM POEMA FUTURO
O FUTURO DOS VERBOS VIDA APRENDIDOS
CONJUGADOS NA VOZ REALIDADE
VERBOS DESCOBERTOS PARA FILHOS
VERBOS FUTURADOS VERBOS FILHOS

UM POEMA FUTURO SERA UM TAPETE
ESCRITA CARTAZ DECORATIVA A
EXPOSTO NA CLIVAGEM DE CADA ROSTO
TAPETE VIAGEM SEM MEDO CIRCULAR
O TODO DESENHO HUMANO A MODULAR

UM POEMA FUTURO SERA A MANHA
NASCIDA HA MUITO DOS HOMENS
BATEGA REUNIDA DO ORVALHO HUMANO
QUE E JA O AMANHA ENTRANHADO
A DERRUIR O AINDA NADAO ACUDE DESUMANO

UM POEMA FUTURO SERA O MUNDO DE COR
O AR PERFUMADO EM FUMOS VISIVEIS
O HOMEM A VER O MOVIMENTO O ESPAÇO O TEMPO
A COR CORANDO O AZE E O CORPO
O ARTIFICIAL O NATURAL TRANSTEMPO DO TEMPO

UM POEMA FUTURO SERA A ACCAO
CANTADA DOS PEQUENOS GESTOS DA VIDA
ONDE NASCE E ESCONDE E CRESCER A LUTA
DOS HOMENS CONTRA O MURO DOS HOMENS
UM POEMA FUTURO SERA ESTE POEMA NO FUTURO

(Ou livro: «Poemas Localizados»)

(Ou livro: «Poemas Localizados»)

Manuel Sequeira Afonso

Todos os poetas que hoje apresentamos na «Perspectiva» têm várias obras publicadas. Poetas que abriram os olhos neste Algarve, não limitaram todavia o seu olhar às flores das amendoineiras ou às calmas ondas do mar do sul; foram mais além — ao país, ao mundo, ao universo multimodo dos homens, com seus problemas, sonhos e angustias, com a esperança no desfilar de um novo dia claro, que certamente terá de ser escrita pelos poetas de todos aqueles que, como os poetas, têm sede da água que corre limpida em cada verso e têm fome do pão que madura em cada poema.

António Ramos Rosa, Carlos Albino, Casimiro de Brito, Costa Mendes, Fernando Lagnha, Gastão Cruz, Ireneu Cortes, Ilídia Honorato e Santos Stokler testemunham magnificamente na poesia portuguesa dos nossos dias que os poetas do Algarve estão verdadeiramente empenhados na construção de um presente que é já, no nosso país, um mais livre futuro antecipado.

Fernando Lagnha

Evocação de Ibn Ammar

A novecentos anos de distância, desta rua de Estômbar com teu nome, ó poeta Ibn Ammar, eu te saúdo!

Li três poemas teus e sei que foste amigo e grão-vizir de Mutamimide, também poeta e príncipe de Silves.

Fouco mais sei de ti, ó Ibn Ammar, mas comovidamente aqui te abraco, moço nascido no futuro Algarve!

Decerto cantaste mulheres e rios, o vinho e a música, a água e a noite, batallas e tendas, punhais e cavaleiros... E tudo isto tiveste, ó Ibn Ammar,

do teu secreto álbum de amores com as quatro esposas que o Corão comente e as mais que a tua trouxe, ó Ibn Ammar,

semeador de nuvens algemadas em cisternas e fontes de jardins, companheiro de rios sabendo a vinha e luar e com murmúrios de saúde, montador de cavalos doidos com crinas de seta e cascos de punhal,

ó Ibn Ammar, o improvável de tendas no chão da noite, plagiador de estrelas em fogueiras,

ó Ibn Ammar, conquistador, saqueador de reino de Al-faghar que amaste à

agarrando no inferno das batallas bens e temas de versos, Ibn Ammar, adorador de Allah ora benévolo ora exigente e até sensata às vezes, à tua imagem modelo quasi

(cada um tem os deuses que merece),

ó Ibn Ammar, poeta militante, guerreiro da Poesia e seu familiar, filho e amante, afagando-a, bebedo-a, violentando-a bem na terra e na vida, rudemente, ignorante do incesto...

Ficas bem o teu nome na esquina

desta rua de Estômbar, moira morta,

ó poeta Ibn Ammar, longínquo avô saudoso e renegado

de uma gota de sangue mal cumprida!

FERNANDO LAGINHA

(inédito)

A VOZ DE LOULÉ

N.º 482 — 18-1-1972

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

ANUNCIO 2.ª Publicação

No dia 23 do próximo mês de Fevereiro de 1972, pelas 11 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, nos autos de carta precatória n.º 86/71 que correm termos pela 1.ª secção, vinda da 3.ª Vara Cível da comarca da Lisboa e extraída dos autos de execução por custas n.º 1371-B da 2.ª secção, em que é exequente o Ministério Público e executado Manuel Pereira Júnior, comerciante, morador na Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 77, r/c, em Lisboa, serão pestos em praça pela 1.ª vez, para serem arrematados ao maior lance oferecido acima dos valores que adiante se indicam as partes de prédios e prédios penhorados àquele executado e que adiante se indicam:

1.º

— 1/5 do imóvel rústico composto de terra de mato e árvores, denominado «Carvalheira», no sítio do Pero Ponto, freg.º de Ameixial, concelho de Loulé, cuja fracção vai à praça pelo preço de 520\$00;

2.º

— 1/5 do prédio rústico, composto de terra de mato e árvores, no mesmo sítio e freg.º, denominado «Cerca da Fonte», cuja fracção vai à praça pelo preço de 520\$00;

3.º

— 1/5 do prédio rústico composto de courela de terra de mato e árvores, no mesmo sítio e freg.º, denominado «Porta Baixa», cuja fracção vai à praça pelo preço de 144\$00;

4.º

— 1/5 do prédio rústico composto de courela de terra de mato e árvores, no mesmo sítio e freg.º, denominado «Carvalheiro», cuja fracção vai à praça pelo preço de 344\$00;

5.º

— Prédio rústico, composto de courela de terra de mato com sobreiras, no sítio do Barranco do Velho, freg.º de Salir, concelho de Loulé, denominado «Corro Chainha», cuja fracção vai à praça pelo preço de 9.680\$00;

6.º

— Prédio rústico, composto de

As tuas armas são lentas

AS TUAS ARMAS SÃO LENTAS
SERVAS COMPREENDERAM LOCIDAS REFLECTEM
AS TUAS ARMAS SECRETAS E PATENTES
SORVES-TE COMO UM SOPRO EM CORPO E FIRMANTE
AS TUAS ANCAS DESLIGAM-SE DESPENHAM-SE
AS TUAS SERVAS SURPREENDEM
NUNCA TEM A FEBRE ALTA
CAMINHAM NO SILENCIO DAS TUAS PERNAS
AS TUAS ARMAS SÃO PEQUENAS E LONGAS
TECEM NO ESPAÇO AS LINHAS DE UMA AGUIA
DESFAZEM UM A UM OS MITOS DOS ENLACES
A TUA VISTA ALCANÇA O PONTO CEGO DA LUZ
A TUA LINGUAGEM É O SILENCIO SEM ECO
TORNASTE-TE NUM MURO ALTO QUE NAO VEJO:
O ESPAÇO NU

ANTÓNIO RAMOS ROSA

(Do livro: «Nos Teus Olhos de Silêncio»)

PEQUENA MAS LONGA

A TI FACIO SABER DA
LONGA PEQUENA
MORTE QU SEMPRE ME
SURPRENDE
A TI FACIO SABER
DESTA COISA QUE CIRCULA E
BATE EU CHAMO-LHE SANGUE OU
PASSARO

FACO-TE SABER DO MEU
CORPO HIRTO PROSTRADO IM-
ACABADO DE LEMBRAR-TE QUE O ESPAÇO É
LONGO OCUPADO

A TI FACIO SABER DA
ESPERA VERDADEIRA E DOS
DESEJOS DA UNICA MORTE QUE SOU

ILÍDIA HONORATO

(Do Livro: «Políptico de Amor»)

SÓ um livro é capaz de fazer a eternidade de um povo.

EÇA DE QUEIRÓS

(Do Livro: «Jardins de Outono»)

A literatura dá a medida dumha sociedade. É um axioma de critica.

16...
esperança...
não trago versos
nem os olhos são os de criança enganada no breve tempo de navegar.

trago a erosão contínua da mudança:
se era há pouco uma forma simples
e agora já estou louco de tanta hora inútil!

eis-me para uma ajuda
de tornar estas ruas cheias de frutos sumarentes para a manhã de todos
de desfazer o volume hostil do barco circulando para o domínio
de receber o grito das mulheres com o seio em perigo
picado pelo corvo de roubar filhos
que trabalha na destruição lenta dos fracos

banha-me, tresloucada, tecedeira de revolta
uma onda que temia em todos os lugares
onda que rebenta onde tento dormir
e desfaç com frases de areia revolvida a argila das fugas.

POEMA Poema para a Paz

as esperanças que venham
ligar tudo que nos rodeia...

se viver é lutar
que se lute num futuro em paz
(faça cada um a sua onda
e marque o relógio o tempo de restar
cada instante

será um tempo de sossego
sem fachadas escusas
ou aspectos negros

abre as portas do peito
e joga as mãos aos sentimentos
naturais

os papagaios de papel
que se transformam em avisos de
grito à luz

certo de que será ouvido
em qualquer esquina do mundo

COSTA MENDES
(Do Livro: «Edifiquemos a Vida»)

Pode acender-se a noite como ave...

Pode acender-se a noite como ave
cada numa vala e rodeada
de balas e granadas pode a noite
evoluir da palidez à cor

fugitiva das balas e a noite
pode internar-se rasa nestas valas
e nelas acender-se obscura e rápida
e das valas do lado só o sopro

infected das águas dar ao corpo
que em valas internado
se arruina e progride e por fim acha

a mesma noite acesa como ave
das balas e granadas
do mesmo fogo inútil trespassada

GASTÃO CRUZ
(Do Livro: «As Aves»)

RIO

ESTE RIO NINGUEM SABE
ONDE COMEÇOU. ALGUMAS AVES APODECIDAS
NOS LEMES, NOS GALHOS DAS ÁRVORES. OSSOS
DESENVOLVIDOS
EM PEQUENOS VERMES. RUINAS. ESTE RIO
NAVEGA NAS TEMPORAS, NA SOBITEMENTE VOZ
DO LOUCO. A VOZ DE UMA SEARA NAO DE SPIGAS
MAS DE RUIDOSOS INSECTOS. PALAVRAS
SEM AMOR. ROSAS COBERTAS DE PO.
O AR QUE SE RESPIRA — A MORTE.
ESTE RIO NINGUEM SABE
ONDE COMEÇOU. HA NO ENTANTO QUEM PENSE
QUE VAI AMANHECER.

CASIMIRO DE BRITO

(Do Livro: «Jardins de Guerra»)

EDITORIAL VERBO

Na coleção Ars Mundi, da Editorial Verbo, publicou-se o 17.º volume: *Civilizações Megalíticas*, de Hans Biedermann. Divide-se este livro em três partes: a primeira trata do mundo megalítico, em que se supõe ter existido a primeira manifestação de culto religioso; a segunda diz respeito à arte creto-micénica; e a terceira é consagrada à arte euro-asiática. Acompanham o texto muitas e variadas ilustrações a cores, com fotografias das mais famosas peças de museus.

Cancioneiro de Natal, de David Mourão-Ferreira é o 12.º volume de coleção *Poesia*, da Editorial Verbo. Este livro centra dez poemas de Natal inéditos em livro, que transmitem a evolução de Natal cristão daquilo que não é o Natal Cristão e nos revelam ao mesmo tempo o lado oculto de um poeta eminentemente lírico.

Os Três Mosqueteiros, de Ale-

xandre Dumas, é o 1.º volume da coleção clássica juvenil, da Editorial Verbo. Obra sobejamente conhecida que dispensa qualquer referência, é justamente aqui a óptima apresentação gráfica e artística deste volume, profusamente ilustrado a cores, encadernado e com lombada boleada.

Foi publicado o número referente ao mês de Dezembro do «Algarve Ilustrado».

Revista integralmente dedicada aos interesses da nossa província, de novo as suas páginas inserem boa colaboração, sendo tratados assuntos de actualidade e importância para o Algarve.

Mudam-se os tempos

Mudam-se os aviões

• A.T.A.P. COMEMOROU O 25.º ANIVERSARIO DA PRIMEIRA LIGAÇÃO AÉREA LISBOA — LUANDA — LOURENÇO MARQUES

Vinte e cinco anos decorreram desde aquela tarde do dia 31 de Dezembro de 1946, em que um «Dakota» (DC3) levantou voo da Portela de Sacavém, com 10 passageiros a bordo, quatro dos quais jornalistas, para a longa e morosa travessia (6 dias e 5 noites), pois que ao pôr do sol a viagem era interrompida até ao amanhecer seguinte) — Lisboa — Luanda — Lourenço Marques

Passou um quarto de século no fluir incessante do tempo, e pode dizer-se que hoje tudo é diferente no capítulo das ligações aéreas, tanto no aspecto de rapidez como de segurança.

A TAP comemorou condignamente a passagem do 25.º aniversário do histórico voo, oferecendo no «Ritz» um almoço que teve a presença de membros do Governo e outras individualidades ligadas à aeronáutica civil e à própria companhia.

Em 3 e 6 de Janeiro, data

em que se completaram 25 anos que o célebre «Dakota» aterrou em Luanda e Lourenço Marques, respectivamente, houve receções comemorativas do facto.

Ainda no âmbito do referido aniversário foi editada pela TAP uma brochura em que se salientam as evoluções verificadas no campo da técnica aeronáutica, no referente àquela companhia, desde o «Dakota» de 1946 (que transportava 21 passageiros e 2.700 quilos de carga) até ao próximo «Jumbo-Jet» — Boeing 747 (que transportará 370 passageiros e 57.000 quilos de carga útil).

Podemos afirmar, com a ajuda do po

RESPIGOS...

● TODOS DOUTORES

Para quem não leu, transcrevemos (porque vale a pena) duas passagens da entrevista que José Afonso concedeu à revista «Flama» de 10 de Dezembro: «(...) Creio que se deveria falar, em princípio, de coisas que dominamos, de coisas em que estamos envolvidos, de coisas que nos abrangem física e operacionalmente. Não se pode estar à espera do produto, para depois o dividir em bocadinhos e dizer se a letra é válida, ou se o poema tem mensagem. Tudo isso se justifica, se as pessoas quiserem vir para junto de nós. A não ser assim, penso que a crítica pode transformar-se em coisa um pouco ridícula.»

«(...) Criar-se a «religiãozinha» da música velha, ou da música nova, da guitarra, ou da viola é construir sectores estanques que não podem ter interesse, é levar as pessoas a «salivar» sem qualquer objectivo. Admito, porém, que isto tudo possa ser útil aos outros. Para mim, não. Habituei-me demasiado à atmosfera lúcida e gratuita de Coimbra, para que consiga facilmente encarnar neste novo espírito. Estamos todos a brincar aos homens sidosos e aos homens sérios.

Estamos todos a fazer de doutores e, por mim, não estou mais interessado em entrar para nenhuma academia. Não pretendendo, com estas afirmações, visar ninguém, mas apenas atacar um determinado espírito de

«doutorice», que, nos últimos tempos tem dominado, mesmo entre aqueles que afirmam combater a «doutorice». Hoje, parece viver-se um espírito de sebeira escolar com indivíduos que afirmam saber tudo, porque têm as sebeiras, os livrinhos e os códigos. A combater-se um vício, criou-se outro. E creio que isto é tão reprovável como aquela invasão de cantigas de molhos esteriotípicas, com os mesmos músicos.»

● DESAPERTAR O SOBRE-TUDO

Também para quem não leu, transcrevemos uma passagem do «Canal da Crítica», de Mário Castrim (Diário de Lisboa, de 4/1/72).

«Ontem, ao bater das sete horas, foram os frequentadores da livraria «Quadrante» surpreendidos com a apresentação de uma ementa especial: David Mourão-Ferreira dirige-se ao autor destas linhas e, tremulo e gaguejante de emoção, pede-lhe explicações sobre as palavras que lhe eram dedicadas no «Canal da Crítica» do passado domingo, caso contrário, ali mesmo ajustaria contas.

Naturalmente, quais explicações? Embora eu haja exercido, durante largos anos, a profissão de explicador de quase todas as disciplinas dos cursos liceal e técnico, o certo é que o hábito não permaneceu a este ponto. Infelizmente, entre as disciplinas que pensem seguir-lhe o exemplo: cá pra mim, isso não pega...»

forço-me agora por recuperar o tempo perdido assistindo, com a máxima humildade e assiduidade, ao curso de judo pelo televisão. Nunca se sabe...

Mourão-Ferreira, perante a minha nenhuma vontade em colaborar, comece a desapertar o peso sobretudo. Com mil demônios!, para ajustar certas contas, há que despir o maior número possível de peças, entre as quais o sobretudo é a que menos pesa.

Os amigos dos livros agruparam-se para assistir à sova em perspectiva, talvez na esperança de ver o gado sair mosquero. David Mourão-Ferreira, porém, já voltava a apartar o sobretudo. Mas intimava. Intimava não sei quê. E que se o caso voltasse a repetir-se, eu já sabia o que me esperava...

Não podia eu fazer outra coisa senão crismá-lo de palavrão. Foi o que fiz. Intimamente, ria-me das situações de baba a que podem aceder as pessoas crescidas.

Mas não. O caso não é para rir. Estamos perante um novo passo na escalada anticritica, de amplitude ainda imprevisível, na tentativa para inutilizar a resistência à mediocridade, à chateza, ao entropicamento, ao culto da personalidade, ao ir atrás da arte como quem vai atrás de um enterro. Desengane-se, porém, este Mourão-Ferreira e todos os mais ou menos outros que pensem seguir-lhe o exemplo: cá pra mim, isso não pega...»

Mensagem de Ano Novo

(Continuação da 1.ª página)

te, e quase insensivelmente, canais óptimos para ajudar a promover a corrupção dos costumes. A difusão, às toneladas, de publicações pornográficas, tendo por fito principal a juventude, foi um veícuo altamente pernicioso, tão pernicioso quanto nocivo tem sido, para a saúde física e mental, o uso das drogas. Do conjunto destes malefícios resultou, naturalmente, a corrosão das bases seculares da civilização ocidental e a primeira a ser propostamente atingida foi a família, sem dúvida das mais importantes.

NAS ESCOLAS E NA IGREJA

Nas escolas o ambiente não se tornou menos grave, nem menos triste, e longe vai já o tempo em que se podia afirmar ser a escola risonha e franca. Outro tanto se verifica no seio da Igreja, onde a crise não é menor. Duas outras bases fundamentais da sociedade ocidental foram afectadas e que mereciam, sem dúvida, algumas considerações; mas a sua amplitude, por mais reduzida que fosse, não se comportaria na que pode ser dada a esta mensagem.

NAS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS

A Organização das Nações Unidas continuou igual a si própria no ano que oente findou. Manteve-se pertinazmente, sem glória, nem prestígio, a condensar aqueles membros que se limitam a defender-se dos ataques alheios e a ser confrangedoramente inoperante nas autênticas agressões armadas e nas constantes intromissões de alguns Estados na vida dos outros. Dominada por uma maioria imatura, mas aguerrida, vê-se constantemente entropizada por ideias erradas e por pelas de toda a espécie, de que não conseguem libertar-se e que a tornam inútil.

Também a Associação do Tratado do Atlântico Norte se manteve sensivelmente como nasceu, portanto sem qualquer alteração nas suas estruturas fundamentais. Como venho acenando desde há mais de vinte anos, a circunstância da sua ação defensiva ter ficado restringida a limites geográficos rigidamente fixados fez com que só possa ser operante na área neles contida. Como era de esperar da sua hábil visão habitual, o inimigo desistiu de operar nessa área e se tal consequência foi uma vitória do Tratado, também teve a contrapartida grave de deixar tudo o resto praticamente livre; e o inimigo não perdeu tempo no seu aproveitamento, como é próprio da sua costumeira mestria.

UM PORIR DE ACORDO COM AS MELHORES ÉPOCAS

Após haver feito referência às calamidades que em 1971 continuaram a perseguir o nosso país — os acidentes de viação, a emigração —, o Sr. Almirante Américo Tomaz congratulou-se com alguns factos acontecidos durante o ano que findara a «cimeira» Pompidou-Nixon em território português, a diminuição da criminalidade e o modo entusiástico como sempre foi recebido pelo povo de Portugal —, terminando a sua mensagem de Ano Novo afirmando:

Que o sistema é bom, não só no que respeita ao aumento dos rendimentos, como na resolução do problema da falta de mãos-de-obra, é o facto de no ilgozo já ter sido feita a escritura de constituição de uma sociedade desta natureza, preparando-se outras, no Algarve, a exemplo das que já funcionam no Norte do País.

Como dissemos anteriormente, o exemplo mais frisante dos rendimentos neste capítulo é o do Sever do Vouga, de cuja experiência se fez um filme que já está em distribuição comercial pelos cinemas do País.

Oportunamente será passado nas sessões de propaganda agrícola, no género do que, em 6 de Novembro, se realizou em Vale Judeu. Porém, existem já outros filmes naquele género que podem ser passados imediatamente.

A estreia da Experiência em Sever do Vouga, em Lisboa, assistiram os senhores Presidente da República, Ministro do Interior, Secretários de Estado da Agricultura e Informação e Turismo, além de numerosos agrónomos, professores e altos funcionários — tal o interesse que o Governo da Nação dedica à resolução dos problemas da Agricultura Nacional.

Esperamos, por isso, que na próxima sessão de propaganda do Grupo, em Vale Judeu, haja mais diálogo, pelo menos dos dirigentes do nosso Grémio de Lavoura e até da Câmara Municipal do Concelho, segundo o exemplo de Lisboa.

Lisboa, 13-1-72

A. de Sousa Pontes

P. S. — O atraso desta correspondência deveu-se ao extração da «Voz de Loulé», de 7 de Dezembro, pelo que só recentemente tivemos conhecimento da notícia a que estamos respondendo.

ALUGA-SE

Armazém amplo, em Loulé, com entradas para as ruas Miguel Bombarda, Bernardo Paez e Anchã.

Tratar com Amadeu Pedro da Cruz — Telefone 62643 — Loulé.

Empregada

Com conhecimentos gerais de contabilidade, precisa-se para trabalhar em Albufeira.

Tratar com Leal Branco — Telefones 3345 e 2384 — Albufeira.

Sua família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se dignaram acompanhar o saudoso extinto à sua última morada.

A N U N C I E NESTE JORNAL

Pensão Restaurante Avenida

SERVIÇOS E SALAS PARA CASAMENTOS, BAPTIZADOS E BANQUETES DE CONFERNIZAÇÃO, SERVIDO PELA MELHOR FÁBRICA DE PASTELARIA E CONFETARIA DO ALGARVE

Avenida José da Costa Mealha, 40
Loulé

Fechámos com chave de ouro

1302 APARTAMENTOS CONSTRUÍDOS E VENDIDOS POR J. PIMENTA, SARL

NO ANO DE 1971

Em 1972 poderá comprar a J. PIMENTA

- Moradias
- Andares
- Apartamentos Mobilados
- Apartamentos comerciais
- Armazéns
- Garagens

em Lisboa, Amadora, Queluz, Mem-Martins, Paço de Arcos, Parede, Cascais, Coimbra, Porto e Luanda.

Nestas localidades construímos, ou vamos construir imóveis que poderão ser comprados em regime de propriedade horizontal ou compropriedade, modalidade em que os nossos clientes poderão participar a partir da quantia de 25 contos.

Sede Social — Queluz, Av. António Enes, 25

Delegação — Lisboa, Pr. Marq. de Pombal, 15

e em todos os locais acima referidos.

Temos em estudo processos de construção que nos abrirão novos horizontes.

Encerramos o ano de 1971 certos de que continuaremos a merecer a preferência de quantos até hoje contactaram connosco.

Agente do ESSO gás

Bate Chapas

PINTURAS

Auto - Reparadora

do Bairro

DE
DANIEL GUERREIRO CRISPIM

(MANO ZÉ)

Oficina de reparações em veículos motorizados

COMPRA E VENDA DE CARROS USADOS

Telefone 62062

Rua de Acesso ao Bairro

LOULE

Se tem problemas de mecânica, bate-chapa ou de electricidade, contacte com MANO ZÉ.

Mais água para Quarteira

(Continuação da 1.ª página)

as dificuldades que têm surgido com o reabastecimento de água na zona daquela localidade, esta nova obra vem dar esperanças de que futuramente tais dificuldades sejam anuladas, como muito justamente, ambiciona a população de Quarteira.

Um dos principais objectivos da realização desta obra é evitar que uma avaria mecânica num grupo gerador provoque falta de água como já aconteceu por mais de uma vez.

Com a entrada em funcionamento de novos furos fica praticamente afastada a hipótese de faltar água por avarias mecânicas.

Leilão de bicicletas

No dia 25 do corrente, às 18 horas, no Posto da P. S. P., será levado a efeito um leilão de bicicletas a pedal.

As bicicletas que serão leiloadas, foram encontradas abandonadas pela P. S. P. — e não foram levantadas pelos seus proprietários na data prevista para tal efeito, pelo que, segundo a lei, se procederá a um leilão público das mesmas.

Assinaturas

(Continuação da 6.ª página)

adequado — e pelo facto apresentarmos também os nossos sinceros agradecimentos.

Dado todavia, havermos sido obrigados a suspender algumas remessas de jornais referentes aos assinantes cujas assinaturas não foram liquidadas, propomo-nos ir publicando periódicamente nomes desses nossos assinantes, para que os mesmos possam eventualmente ser informados do facto que tratamos — e antecipadamente nos congratulamos que os certamente involuntários atraídos voltem a solicitar assinaturas de «A Voz de Loulé», uma vez que estamos procurando, como já foi dito, corresponder melhor aos anseios de todos os nossos estimados leitores.

A sua casa em Loulé

PENSÃO RESTAURANTE AVENIDA

de VASCO MACHADO

APOSENTOS COM BANHO PRIVATIVO E TELEFONES

ESMERADO SERVIÇO DE RESTAURANTE
SERVIÇO DE HOTEL A PREÇOS DE PENSÃO
Avenida José da Costa Mealha, 40 — Telef. 62735

RESERVAS NA PENSÃO RESIDENCIAL MONACO

Telefones 538403 - 538427

LISBOA

PINGOS...

A expressão «época de transição» está hoje bastante divulgada. É com avassaladora frequência que se ouve ou lê: vivemos numa época de transição entre um passado morto e um futuro primaveril. Economistas, cançonetistas, políticos, são uníssinos na utilização da mencionada expressão.

Quanto a nós — que nos perdoem todos os apologistas da «transição» —, todas as épocas foram de transição, que o tempo é (está sendo) movimento constante. E aíjammamo-lo porque, na verdade, a «época de transição» em uso parece vir carregada de um sentido estático, surge-nos subitamente isolada da realidade. Ora, deste modo, é como se o passado fosse «a» e o futuro fosse «c», enquanto a «transição» — qual boi sentado à beira do rio do tempo — não passa de um mero «b» que tudo desculpa e adia. E que, atenções!, os minutos vão semeando rugas em todos nós, e a «transição» tem um medonho aspecto de gato-pingado.

Sequeira Afonso

Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Janeiro:

Em 18, a sr.^a D. Maria do Rosário Serafim Campina.

Em 19, a sr.^a D. Lucília Maria Miguel Baião.

Em 20, as meninas Maria do Rosário Alvarez Rocheta e Maria Odete Peixoto Frederico, residente na Venezuela e a sr.^a D. Maria de Lourdes Palma e a sr.^a D. Vitória Costa Gonçalves, do Carvalhal, e o sr. Manuel António Correia, residente na Suíça.

Em 22, os srs. António Nunes Coelho, Alferes Miliciano sr. António Manuel Grosso Correia, residente em Angola.

Em 24, a sr.^a D. Maria Celeste Elias Pinto Ildefonso.

Em 25, as sr.^as D. Maria Tomaz Sequeira de Jesus Martins, Fluipe Frederico de Brito, residente na Venezuela, e a menina Maria Vitória Espírito Santo Aleluia e a sr.^a D. Glória Nunes de Brito, residente em U. S. A.

Em 26, o sr. Padre João Coelho Cabanita.

Em 27, a menina Corália Maria Fortuna Vicente, residente no Porto, e o sr. António Gonçalves Marum, de Setúbal e o menino José António Apolónia, caral, residente na França.

Em 29, a sr.^a D. Maria das Dores Urbano Marum, residente em Setúbal.

Em 30, o sr. Orlando Correia de Sousa Mendes, residente na Austrália e a menina Aline Boçaral, residente na França.

Em 31, o menino Joaquim José da Silva Vicente, residente em França e a sr.^a D. Maria da Glória Guerreiro.

ALEGRIAS DE FAMILIA

Clar do nosso prezado conterrâneo, amigo e dedicado assinante sr. Armando José Vicente Duarte, subgerente da Agência de Portimão do Banco do Algarve, e de sua esposa sr.^a D. Maria Emilia Nuncio Catita Duarte, acaba de ser enriquecido com a chegada do pequenino João Carlos.

O feliz acontecimento ocorreu num quarto particular do Hos-

Pagamento de assinaturas EM ATRASO

Alguns dos nossos assinantes, devido por esquecimento, involuntária negligência, ou pura e simplesmente cumprindo o inverso do ditado que diz «não guardes para amanhã o que podes fazer hoje», não têm sido devidamente pontuais na liquidação das imortâncias correspondentes às suas assinaturas.

No nosso ficheiro contam-se atrasos que atingem alguns anos, para os assinantes mais descuidados, o que sem dúvida, e comprehensivamente, não pode deixar de desfalcar as nossas magras economias, através das quais «A Voz de Loulé» tem vindo a sobreviver, cada dia com mais dificuldade, como é lógico.

Nesta hora em que pretendemos renovar o nosso jornal — e a renovação não é possível apenas com as boas vontades —, apelamos para os assinantes que têm as suas assinaturas por liquidar que o façam tanto quanto possível urgentemente, pelo que nos permitimos sugerir que qualquer pessoa de família (no referente aos assinantes que habitam fora do país) faça a liquidação das verbas correspondentes, por carta ou directamente na nossa Redacção — ação que desde já agradecemos. No referente aos nossos assinantes residentes dentro do país podem estes executar as suas liquidações pelas vias normais ou conforme lhes for mais

pital de Loulé no passado dia 8 de Dezembro.

Aos felizes pais e avós endereçamos os nossos parabéns.

FALECIMENTOS

Em casa de sua residência, faleceu em Faro no passado dia 30 de Dezembro e a nossa conterrânea sr.^a D. Claudina da Encarnação Guerreiro Centelo Madeira, viúva do sr. Manuel José Madeira, que foi comerciante em Loulé.

A saudosa extinta, que conta 81 anos de idade, era mãe do nosso prezado amigo e dedicado assinante sr. Manuel Centelo Madeira, farmacêutico em Loulé, casado com a sr.^a D. Silvina Rocha Contreiras Madeira e da sr.^a D. Teresa de Jesus Centelo Madeira, casada com o nosso estimado amigo e assinante sr. António Pedro Madeira, subdirector de Finanças em Faro e avô das sr.^as D. Maria Teresa Pedro Madeira, D. Maria Jose Pedro Madeira, professora oficial em Odeáxere e do minino José Carlos Rocha Contreiras Madeira.

Em casa de sua residência, em Loulé faleceu no passado dia 15 de Dezembro a nossa conterrânea sr.^a D. Maria Victória, viúva do sr. Ventura de Sousa.

A saudosa extinta que conta 91 anos de idade era mãe da nossa dedicada assinante sr.^a D. Azira Victória de Sousa; D. Constança de Sousa; D. Maria Victória de Sousa Vaz, viúva do sr. Manuel Diogo Vaz; D. Ilda Victória de Sousa Viegas, casada com o sr. Sebastião Viegas, proprietários da Sapataria Viegas e do sr. Francisco Victória de Sousa, capataz de segurança nas minas de Aljustrel, casado com a sr.^a D. Maria Rufina Barba de Sousa, e era avó dos srs. António Maria de Sousa, Francisco José Andrade de Sousa, comerciente da nossa França; José Diogo de Sousa Vaz; Abilio de Sousa Viegas; Jorge Manuel de Sousa Viegas; António José de Sousa, e das sr.^as D. Lauretina de Sousa Viegas, professora oficial, e de D. Alzira de Sousa Vaz Fernandes. Deixou 16 bisnetos e 2 trinnetos.

Em casa de sua residência, no Poço do Boliqueime, faleceu no passado dia 16 de Dezembro o nosso prezado assinante sr. José Gonçalves, que deixou viúva a sr.^a D. Francisca Coelho da Silva.

O saudoso extinto, que conta 56 anos de idade, era pai da menina Salomé Silva Gonçalves, e filho do sr. Sebastião Gonçalves e da sr.^a D. Maria Jacinta, residentes em S. Faustino (Boliqueime).

As famílias enlutadas endereçamos sentidas condolências

Os Amigos

(Continuação da 1.ª página)

Poderíamos destacar alguns casos de pessoas que, simpaticamente, se nos dirigiram com palavras que nos dão forças para continuarmos procurando ser sempre cada vez melhores; não o faremos todavia individualmente, mas sim queremos testemunhar nas páginas do jornal que é de todos nós que «A Voz de Loulé» lutará para continuar a ser digno da vossa admiração e estima. A todos, os nossos sinceros agradecimentos.

Queremos igualmente pôr em destaque as amáveis referências feitas pelos nossos colegas de imprensa, que assinalaram a comemoração do aniversário de «A Voz de Loulé» com palavras de amizade.

CONFIE A ENCA-DERNAÇÃO DOS SEUS LIVROS A GRAFICA LOULETANA

(Continua na 4.ª página)

ENCONTRO NA RUA?

Quando um ano novo inicia os primeiros passos no consistente devar do tempo, a gente costuma quase sempre fazer contas à vida, sobretudo no que se relaciona com as desejadas conas de somar... E então, acontece o famigerado «Ano Novo vida nova», ou o vulgaríssimo «este ano é que a coisa vai», além de outras expressões com significado mais ou menos ilusório.

Exactamente devido a tais «contas», que cada qual intimamente «esoma», veio o repórter para o meio da multidão — e cumpriu este novo «Encontro na Rua», que quinzenalmente publicaremos, para «disparar» a seguinte pergunta.

— Que obra de interesse geral gostaria de ver realizada em Loulé durante 1972?

— «Ora, assim de repente... — respondeu-nos o sr. Joaquim Manuel, empregado do escritório — bem, talvez as obras do Parque Municipal, há tantos anos prometidas e sempre adiadas. Acho que seria óptimo para Loulé».

«Obra de interesse geral? — interrogou-nos o conhecido poeta e escritor Ireneu Cortes, que se preparava para uma viagem até Lisboa, levando laranjas dentro do automóvel («Queres uma?»). Medita um pouco, e diz-nos: «Dar luz a toda a gente». E arrancou sem nos explicar a que «luz» se referia...

Damos mais uns passos, e vem dizer-nos, após a pergunta que escolhemos para este «Encontro», a sr.^a Maria de Fátima Santos, dona de casa: «Olhe, o que eu gostava era que o dinheiro que levo à praça me desse para comprar as coisas que preciso para a família. Já não era nada mau!».

E eis que encontramos o professor Vairinhos, o qual, sem nos responder: «Em 1972 devia ser construído em Loulé um pavilhão ginnodesportivo polivalente, que é condição indispensável para uma educação bem estruturada, no que se refere ao fim em vista».

Regressávamos à Redacção de «A Voz de Loulé», quando ainda um jovem — o Sérgio Manuel Faria Ruas, aprendiz de farmácia — nos declarou: «Eu penso que um hotel, sim sem dúvida um hotel fazia muita falta que se construisse, porque em Loulé não há nada disso. Sim, um hotel decente...».

E pronto, cumprido o ditado do povo: «cada cabeça cada sentença». Mas não podemos nem devemos esquecer que é esse mesmo povo que, ao cabo e ao resto, na sua segunda diversidade, dá a grande sentença na unidade da História! E ai daquele que desertar das realidades de que o povo fala nas suas palavras, que às vezes até nem estão no dicionário...

HORAS PASTORAIS

(Continuação da 1.ª página)

de para que a alma permança cristã, para que Deus se mostre entre nós, pa'a que a comunidade seja expressão real da fé que nos legaram os nossos avós. Não sabemos que o progresso das povos implica o reconhecimento pelo homem dos valores supremos e de Deus que é o tempo e origem deles?...

Antes de escrever quisemos transcrever. Antes de exaltar quaisquer palavras de apreciação do volume *Horas Pastorais*, de D. Júlio, bispo do Algarve, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, quisemos apresentar aos nossos leitores algumas frases em que se revela o seu estilo — e por tanto, o homem — e ao mesmo tempo a sua alma apostólica e compreensiva.

Horas Pastorais são compilação de homilias, pronunciadas em ocasiões significativas, de jornadas apostólicas (sobre turismo, emigração, etc.), artigos publicados em «Folha do Domingo», comentários sobre questões várias que, aqui e agora, interessam sobremodo a este Algarve e tão mal cado por mutações de varia origem.

Para toda a questão, a palavra própria. Interessante deve-

Diário de Notícias

Completou 107 anos de actividade este importante órgão de informação, que diariamente vem prestigiando a Imprensa portuguesa.

Ao seu ilustre director, jornalista Fernando Fraguas, bem como a todos os que trabalham no «Diário de Notícias», endereçamos as nossas mais cordiais felicitações e desejos de prosperidades.

O proprietário da

Escola de Condução Louletana

Aproveita o início deste novo ano para agradecer a preferência com que a sua Escola foi distinguida pelos seus clientes no decorrer de 1971 e deseja-lhes as maiores felicidades para o 1972, votos que torna extensivos aos seus empregados.

Telefones | Escola 62652
Residência 62302

LOULE

Transportes de Carga Louletana, Lda

Transportes de carga para aluguer

Nova Agência em Xabregas

PARA MELHOR SERVIR OS SEUS CLIENTES

Agência em LISBOA: Rua da Manutenção, 21-A-B-C Travessa da Manutenção, 2

Agência em FARO: Largo do Carmo, 2 — Telefone 24885

Sede em LOULÉ — Telefones 62017 e 62030

Transportes Silvense (Domingos Loia & Filhos, Ld.)

SILVES

Agência em OLHÃO: Av. 5 de Outubro, 34 — Telef. 72676

Agência em PORTIMÃO: Rua de S. Pedro, 34-B — Tel. 24639

Aumento de custo de Assinaturas de «A VOZ DE LOULÉ»

«A Voz de Loulé» está empenhada num movimento positivo de renovação: mais colaboradores, mais páginas, mais assuntos a serem debatidos, enfim todo um novo campo de ação que comprehensivamente produz um aumento substancial de despesas.

Deste modo, apresentamos as nossas desculpas aos amáveis assinantes por este novo aumento, (o que desde há tantos anos se não verificava) mas esperamos que ele reverta a favor de uma «Voz de Loulé» melhor.

Abaixo damos nota dos novos preços de assinatura do nosso jornal:

CONTINENTE

Trimestre	12\$50
Semestre	22\$50
Ano	40\$00

(Todos os recibos que forem enviados à cobrança pelo correio terão um aumento de 1\$50 para as respectivas despesas).

ULTRAMAR

Trimestre	37\$50
Semestre	70\$00
Ano	120\$00

BRASIL

Trimestre	40\$00
Semestre	80\$00
Ano	150\$00

ESTRANGEIRO

Trimestre	45\$00
Semestre	90\$00
Ano	180\$00